

Intersecções entre Dinheiro e Intimidade: Um estudo sobre o aplicativo de Economia Colaborativa Airbnb.

Greice Martins Gomes¹

Resumo: Práticas de Economia Colaborativa estão se tornando cada vez mais frequentes e apresentam diferentes possibilidades de interpretação, fato que tem levado a debates sobre suas implicações na vida social. Neste trabalho apresentaremos parte do processo de construção de uma pesquisa que busca compreender como ocorrem as intersecções entre aspectos econômicos e não econômicos em ambientes de Economia Colaborativa. O foco deste estudo é a relação entre os anfitriões e convidados que acontecem através do aplicativo de hospedagem doméstica Airbnb e neste artigo, propomos discutir como uma Sociologia da Avaliação e Avaliação poderia contribuir para o processo de pesquisa.

Palavras-chave: Economia Colaborativa, Airbnb, Dinheiro, Intimidade, Sociologia da Valoração e Avaliação.

ABSTRACT: Practices of Sharing Economy are becoming more and more frequent and presents different possibilities of interpretation, fact that has led to debates about their implications in social life. In this work we will present part of the process of construction of a research that seeks to understand how the intersections between economic and non-economic aspects occur in Collaborative Economy environments. The focus of this study is the relationship between hosts and guests that happen through the domestic hosting application Airbnb. And in this article, we propose to discuss how a Sociology of Valuation and Evaluation could contribute to the research process.

Key Words: Sharing Economy, Airbnb, Intimacy, Money, Sociology of Valuation and Evaluation.

Introdução

A representativa presença das tecnologias digitais e da internet² em nosso cotidiano é uma realidade na vida social contemporânea. O número de brasileiros que possuem acesso à

¹ Mestranda em Sociologia UFPEL.

² Optamos por pela grafia de “internet” em letras minúsculas, seguindo as tendências atuais neste sentido as quais consideram esta palavra “não a um nome próprio, mas a um substantivo comum” (MARKHAM E BAYAM 2009, p. VIII).

internet ultrapassou 100 milhões em 2015, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³. E, foi em 2014 que o total de lares brasileiros que possuíam acesso à internet ultrapassou a barreira dos 50%, sendo que em 2015 este número subiu para 57,5%.

Desta forma, novos modelos e práticas econômicas se consolidam ao redor do mundo. Como reflexo, no cenário brasileiro, recentemente o Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações divulgou o lançamento da Frente Parlamentar Mista de Economia Colaborativa. Conforme seu estatuto⁴ de 2017 visa apoiar e defender a Economia Digital e a Economia Colaborativa, estimular a participação ampla e democrática da sociedade civil nas discussões, incentivar e promover estudos para o desenvolvimento da Economia Digital e Colaborativa.

Em referência a isso, o coordenador⁵ deste grupo observa que a Economia Colaborativa se torna, cada vez mais, presente na vida do brasileiro e detalha empreendimentos que se tornaram, em termos de volume, pioneiros neste modelo, citando entre eles Airbnb⁶ e Uber⁷. Segundo define este parlamentar a Economia Colaborativa é uma atividade econômica baseada em uma melhor utilização de recursos considerados ociosos como, por exemplo, um quarto que esteja vago e que poderia ser ofertado através da internet por intermédio de um software que operacionaliza tramites como pagamento, datas disponíveis, fornece mapas, permite a divulgação de fotos e demais ações deste tipo.

Não obstante grandes corporações contemporâneas de Economia Colaborativa (Netflix, Airbnb, Uber, Amazon, Spotify etc.) assim como redes de interação social (Facebook, Twitter, Tumblr, Instagram, etc.) acabam influenciando a forma como relacionamos os aspectos da vida social, os mercados e nosso comportamento. Ou conforme aponta Dias (2016) ao dizer que a grande abrangência das tecnologias de informação e

³ IBGE. Pesquisa nacional por amostra de domicílios particulares permanentes com utilização da internet. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5177>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

⁴ Estatuto na íntegra. Disponível em: <http://www.camara.leg.br/internet/deputado/Frente_Parlamentar/53738-integra.pdf> Acesso em: 12 dez. 2017.

⁵ O deputado Thiago Peixoto (PSD-GO) preside a frente Economia Digital e Colaborativa que é formada por mais duzentos parlamentares e foi lançada em 17/5/2017 pelo Congresso Nacional.

⁶ O Airbnb constitui-se como uma modalidade de negócio na qual pessoas podem ofertar suas residências para aluguel temporário por intermédio de um software (GUTTENTAG, 2015).

⁷ O Uber trata-se de um serviço de transporte urbano mediado por um aplicativo on-line que conecta motoristas particulares a passageiros interessados em ser transportados.

comunicação (TIC's) acabam por oportunizar novas formas de interação entre os indivíduos e aspectos tanto culturais quanto sociais colocam-se em transformação. Atores sociais são levados a um processo de (re)negociação de significados e de (re)estabelecimento de limites de legitimidade, significação e justificação. Processo que acaba, por vezes, misturando variáveis que envolvem moralidades, direito, economia e também sentimentos, emoções e afetos as transações econômicas (ILLOUZ, 2011) ou nas palavras de Zelizer (2011) interseccionam dinheiro e intimidade.

Dito isso, a pesquisa qualitativa não escapa aos efeitos da evolução tanto digital quanto tecnológica que vivenciamos na atualidade. Logo, quanto aos métodos e técnicas aqui empregados optamos por acompanhar a trajetória, no espaço público da palavra “Airbnb” seguindo-a, pela imprensa e para tanto, recorreremos ao acervo digital de um dos mais longevos diários da grande imprensa brasileira⁸. Além disso, foram coletadas informações diretamente do site www.airbnb.com¹⁰ bem como publicações textuais feitas por usuários após suas estadias.

Em linhas gerais, pretendemos discorrer sobre como podem ser investigadas, através da sociologia da valoração e avaliação, práticas que interseccionam fatores econômicos (dinheiro) e fatores não econômicos (intimidade) dentro de um tema contemporâneo: a Economia Colaborativa.

Percepções sobre uma Economia Colaborativa

A Economia Colaborativa pode ser descrita como uma construção ‘guarda-chuva’, isto é, um conceito ou ideia usado para abarcar e explicar um conjunto maior de fenômenos contemporâneos (BELK, 2014). Provavelmente por esta amplitude, as nomenclaturas usadas como forma de se referir à Economia Colaborativa sejam também plurais e diversas. É possível encontrar diferentes proposições que venham a fazer referência ao tema, por exemplo temos: Economia Híbrida (ABRAMOVAY, 2014), Economia da Dívida (FRIEDMAN, 2017; SUNDARARAJAN, 2016), Sharing Economy (SCHOR, 2016), Consumo Colaborativo (BOTSMAN; ROGERS, 2014) e Mesh (GANSKY, 2010).

⁸ O Acervo Estadão consiste no arquivo online de todas as edições já impressas do Jornal “O Estado de S. Paulo” e permite acesso a todos os fatos relevantes e históricos do país desde 1875. Consta com 137 anos de matérias, reportagens e fotos publicados pelo jornal. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br>
Acesso em: 14 ago. 2017.

⁹ O período de abrangência da coleta de dados que compõe esta primeira etapa ocorreu entre junho e agosto de 2017.

A escolha pela nomenclatura ‘Economia Colaborativa’ é adotada neste trabalho, pois é a que mais se aproxima da tradução literal de Sharing Economy. Termo usado pela socióloga Juliet Schor, no qual a Economia Colaborativa é baseada em três aspectos centrais: a) processo em que indivíduos concedem acesso temporário de itens que possuem e que consideram ociosos ou subutilizados, b) em troca de dinheiro e c) através da mediação de plataformas digitais (SCHOR, 2017).

Dentro de determinada perspectiva, a Economia Colaborativa é vista como um modelo socioeconômico que oportuniza mudanças de paradigmas, sobretudo quanto à concepção que tange a propriedade privada dos bens. Nesta linha, encontra-se a argumentação de que a Economia Colaborativa dá a possibilidade de se usufruir de bens e serviços a um custo reduzido e de forma mais conveniente, sem a necessidade de adquiri-los, o que é descrito por alguns autores como uma prioridade do uso em detrimento da posse (BOTSCHAN; ROGERS, 2014).

Também entram nesta visão questões relacionadas às preocupações ambientais (GANSKY, 2010) e a redefinição do sentido de comunidade. Assim, como a viabilidade do acesso em larga escala a bens e serviços com a conveniência de se contar com regras objetivas e informações detalhadas sejam através de formatos seguros de pagamento, sejam com a constante avaliação de seus usuários contribuindo com a manutenção do nível esperado dos serviços (FRIEDMAN, 2017; SUNDARARAJAN, 2016).

Contudo, para que não incorramos em uma visão unilateral deste fenômeno, outros aspectos também precisam ser considerados. Slee (2017), neste sentido, vai apontar que quase todas as empresas são sediadas no Vale do Silício (EUA) - a conhecida ‘meca’ das novas tecnologias e povoada por startups - as empresas gestoras destas plataformas de Economia Colaborativa conseguem fazer fortunas utilizando de um elaborado discurso ativista¹¹ através da promessa de realizar os sonhos comunitários das novas gerações. Em síntese, nesta perspectiva, grande parte dos fenômenos classificados como colaboração não passariam de meras apropriações deste “termo socialmente desejado” (BELK, 2015, p.22).

Por fim, ao nos concentrarmos nas narrativas de uma ponta da cadeia (ofertante – cliente) do aplicativo Airbnb, entendemos que as limitações pertinentes a este conjunto

¹¹ Um exemplo, disso é a recente campanha de marketing lançada pelo Airbnb em resposta à última polêmica de Donald Trump. A empresa declarou que irá investir US\$ 100 mil em anúncios de hospedagens no Haiti, El Salvador e em países africanos, chamados de “países de inferiores” pelo presidente norte-americano. As propagandas serão veiculadas em grandes mídias norte-americanas e na internet. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/internacional/revolta-mundial-apos-comentario-de-trump-sobre-haiti-e-paises-africanos> >. Acesso em: 27 jan. 2018.

específico de variáveis não nos permitirão aprofundar outros aspectos também importantes e relativos à Economia Colaborativa. Contudo, a questão na qual nos concentramos está ancorada em se compreender a relação entre dinheiro e intimidade dentro deste fenômeno contemporâneo. Deste modo, justifica-se a escolha deste aplicativo por ser atualmente um dos maiores representantes da Economia Colaborativa ao redor do mundo (SCHOR, 2016) e também porque a vida doméstica através dos tempos e das sociedades é, em grande parte, íntima (DAVIS, 1973). Assim, a comercialização de um espaço doméstico constitui-se em um cenário próspero para se estudar a relação entre trocas financeiras e intimidade.

Para além do “colchão de ar e café da manhã”

De acordo com informações de seu site o Airbnb¹² se descreve como “um mercado comunitário confiável para pessoas anunciarem, descobrirem e reservarem acomodações únicas ao redor do mundo seja de um computador, de um celular ou de uma tablet [...] e conecta as pessoas a experiências de viagem únicas”. O aplicativo foi criado em 2008, na cidade de São Francisco, Estados Unidos. Segundo informa em seu site, já se hospedaram por seu intermédio mais de 200 milhões de pessoas até o ano de 2016. Está presente em 65 mil cidades, 191 países e possui três milhões de acomodações cadastradas ao redor do mundo, enfatiza também que recebeu mais de 100 mil hóspedes durante a Copa do Mundo FIFA no Brasil, em 2014, e tornou-se o fornecedor oficial do Estado do Rio de Janeiro para acomodações alternativas nas Olimpíadas Rio 2016.

A sigla a qual lhe confere nome trata-se de um acrônimo para *air bed and breakfast* (colchão de ar e café da manhã em inglês), referência de quando foi criado com este propósito, mas hoje, muito mais do que colchões de ar oferece as mais variadas formas de hospedagem doméstica. Hospedagens estas que vão de casas em árvores, mansões feitas de Lego¹³, barcos, castelos até a modalidade mais comum e em maior número que são residências particulares como casas e apartamentos. Nesta última, os tipos de acomodações ofertadas no site do aplicativo¹⁴ se dividem em três e vão desde “Casa inteira” com o descritivo: “tenha um lugar só para você”; “Quarto inteiro” com o descritivo: “Tenha seu

¹² AIRBNB. Disponível em: < <http://www.airbnb.com> > Acesso em: 17 ago. 2017.

¹³ Em referência ao brinquedo de plástico cujo conceito se baseia em partes que se encaixam permitindo um grande número de combinações. Disponível em: < <https://www.airbnb.com.br/night-at/lego-house> >

¹⁴ Descritivo fornecido pelo Airbnb quantos aos ‘tipos de acomodação’ passíveis de locação. Disponível em < <https://www.airbnb.com.br/help/article/5/what-does-the-room-type-of-a-listing-mean> >

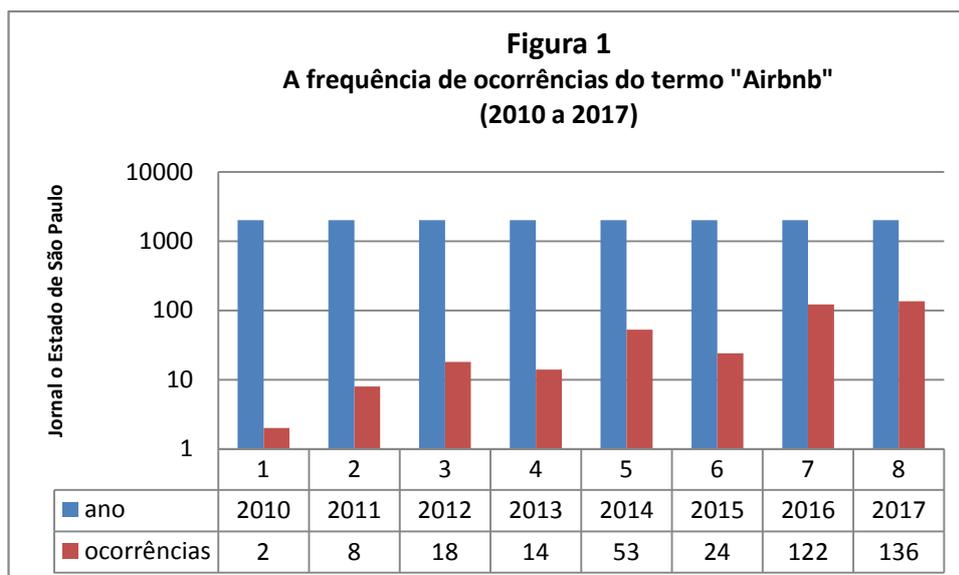
próprio quarto e compartilhe alguns espaços comuns” e por fim a opção “Quarto compartilhado” para a qual consta “Fique em um espaço compartilhado, como um quarto comum.”

As pessoas que ofertam suas residências são chamadas de anfitriões e aqueles que se hospedam são chamados de hóspedes. Os primeiros oferecem seus imóveis, divulgam fotos e informações como localização, comodidades como secador de cabelo, internet sem fio, ferro elétrico, TV, existência de animais domésticos no local, utensílios domésticos que podem ser compartilhados, ar-condicionado entre outras possibilidades; estabelecem ainda as regras de convívio e utilização bem como definem o seu próprio preço na plataforma. Aqueles interessados em locar um espaço podem fazer escolhas no site através de ‘filtros’ como ‘Tipo de acomodação’, ‘Faixa de Preço’ ou por escolha de ‘comodidades’ (ar condicionado, internet sem fio, horário de acesso ao imóvel flexível), ‘Instalações’ (Acessível de cadeira de rodas, estacionamento incluído) entre outros¹⁵.

Analisando-se o contexto brasileiro através do Jornal O Estado de S. Paulo (“Estadão”), seu acervo digital¹⁶ revela um avanço no interesse em relação ao aplicativo ao se considerar o número crescente de citações da palavra “Airbnb” conforme apresentada na figura 1.

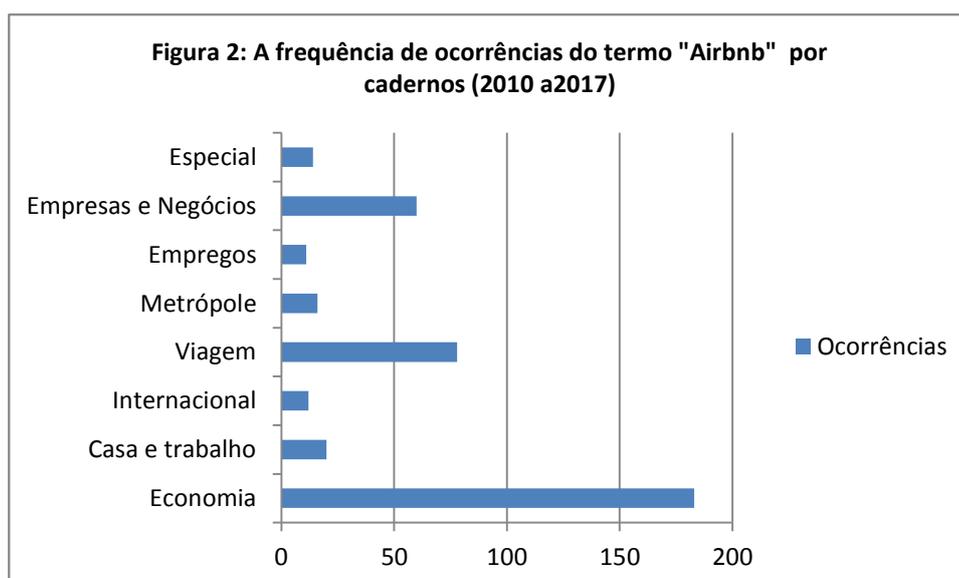
¹⁵ Descritivo fornecido pelo Airbnb quantos aos seus ‘filtros’ e busca. Disponível em: <<https://www.airbnb.com.br/help/article/479/how-do-i-use-search-filters>>

¹⁶ O acervo d’O Estado de São Paulo está disponível no link <http://acervo.estadao.com.br/>. As matérias podem ser acessadas por palavras-chave e a contagem dos registros relativos a cada uma dessas palavras é apresentada por ano; Além disso, cada registro pode ser localizado no corpo da matéria a ele correspondente. Na forma como apresentadas neste texto, as informações se referem à última consulta efetuada, realizada em 04 de janeiro de 2018.



Fonte: Acervo d'O Estado de São Paulo [<http://acervo.estadao.com.br>] Consultas atualizadas até o dia 04 de fevereiro de 2018

Observamos ainda que desde o início, a maioria das publicações sobre o Airbnb no Jornal O Estado de S. Paulo aconteceram dentro do caderno de economia, incidência esta maior até mesmo que em cadernos como informática ou viagem e turismo. Tal relação conduz a um dado importante, ou seja, de que o assunto antes de ser tratado como um tema relacionado à tecnologia ou turismo, ele é tido como um tema econômico, conforme demonstramos na figura 2.



Fonte: Acervo d'O Estado de São Paulo [<http://acervo.estadao.com.br>] Consultas atualizadas até o dia 04 de fevereiro de 2018

Outro aspecto constatado é que no início das publicações, entre 2010 e 2012, o caráter predominante das reportagens se voltava para explicar o que era o Airbnb, como se dava seu funcionamento assim como relatos de experiências de brasileiros utilizando o aplicativo principalmente no exterior, uma vez que a versão brasileira do Airbnb começou a ganhar mais popularidade somente a partir de 2013. Algumas descrições como uma reportagem de vinte de julho de 2010¹⁷, trazem detalhes em uma dimensão mais didática e explicativa tais como “uma opção de hospedagem com conveniências de hotel, conforto de casa e preço de albergue”. E ainda instruções de como o hóspede deveria proceder nos trâmites com seu futuro anfitrião: “uma vez que encontrou seu quarto, pode enviar perguntas (devo levar toalhas? você aceita gatos?)”.

Além das publicações na grande mídia como as que descrevemos anteriormente, outras possibilidades de se observar este aplicativo de hospedagens domésticas também são possíveis. Neste sentido, Slee (2017) explora o fato de que o Airbnb teria criado mecanismos para burlar o pagamento de impostos nos países onde opera. Este autor afirma o Airbnb faz isso repassando o dinheiro que recebe dos usuários diretamente para uma subsidiária sua no exterior, de modo que esses circuitos financeiros não passam em nenhum momento pelo Airbnb do Brasil, por exemplo, levando à impossibilidade de cobrança de impostos por parte do Estado. O Airbnb é apontado também, de acordo com Slee (2017) como um dos principais responsáveis em levar a gentrificação¹⁸ várias cidades, à medida que torna mais rentável para os proprietários cederem casas e quartos para turistas do que para residentes, encarecendo assim o aluguel de forma geral.

Além disso, segundo este mesmo autor, as principais organizações de Economia Colaborativa, como Uber e Airbnb argumentam que as atividades prestadas em suas plataformas são circunstanciais e desta forma não se constituem vínculo empregatício com a empresa e estão sendo criticadas por isso. Quanto a este aspecto Slee (2017) relaciona a Economia Colaborativa com o trabalho feminino no passado, antes da equidade salarial ao dizer que em muitos países havia uma leitura de que empregos femininos ‘não eram empregos

¹⁷ ESTADÃO JORNAL DIGITAL. *Encontre sua hospedagem em redes sociais*. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20100720-42644-nac-50-via-v6-not/busca/airbnb>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

¹⁸ Segundo Bataller (2012) O termo ‘gentrificação’ deriva-se de gentry, uma expressão inglesa que designa pessoas ricas, ligadas à nobreza. O termo foi usado inicialmente por volta dos anos 60, em Londres (Inglaterra) quando vários ‘gentrifiers’ migraram para bairros que, até então, abrigavam a classe trabalhadora. Este movimento elevou consideravelmente o preço imobiliário nestes locais, acabando por “expulsar” os antigos moradores.

de verdade' e que muitas mulheres estavam satisfeitas em trabalhar por baixos salários. Logo, é visível a existência de tensões e conflitos entre estas grandes corporações e seus usuários relacionados à violação das leis trabalhistas, a falta de clareza e inflexibilidade nas negociações das tarifas, bem como a questão de taxação e cobrança de impostos, debate também profícuo e que abre espaços para discussões futuras.

Sociologia da Valoração e Avaliação: intersecções entre dinheiro e intimidade

A definição de intimidade passa pelo que se entende por relações íntimas. Nestas, as interações dependem, entre outras coisas, de conhecimentos e atenção que sejam compartilhados com determinado grupo de pessoas, ou seja, não estejam amplamente disponíveis a terceiros. Os conhecimentos envolvidos incluem diferentes elementos que podem ser segredos, rituais pessoais ou interpessoais, informações pessoais ou corporais, memórias e consciência da própria vulnerabilidade pessoal. Já a atenção envolvida inclui elementos tais como determinados tipos de cuidado, dedicação e apoio emocional (ZELIZER, 2009).

Neste sentido, mesmo que a interação entre hóspede e anfitrião no aplicativo de Economia Colaborativa Airbnb seja limitada ainda sim há o aspecto do compartilhamento de informações pessoais (fotos, hábitos, rotinas) bem como envolve determinados tipos de atenção que passam a ser divididas com alguém “desconhecido”. É justamente neste tipo de relações sociais que mesclam dinheiro e intimidade que vemos uma notável oportunidade para examinar como as pessoas passam a constituir um trabalho relacional.

Para aprofundarmos estas questões é importante considerarmos que as práticas econômicas não se encontram limitadas dentro de mecanismos impessoais de precificação e pulsões indubitavelmente racionais e pragmáticas por parte dos indivíduos, vão além disso, e se constituem como uma construção de práticas humanas. Circunscrevem-se, portanto, dentro de uma determinada cultura, de laços sociais, moralidades e crenças comuns já existentes em determinado contexto social (ILLOUZ, 2011). Neste caminho, a Sociologia da Avaliação e Valoração (SVA)¹⁹ se apresenta como um oportuno aporte teórico para auxiliar na compreensão de práticas de Economia Colaborativa.

Sociólogos de uma SVA têm estudado os mecanismos que os mercados utilizam para a produção de valor (ZUCKERMAN, 1999) e também o processo pelo qual os próprios objetos se tornam passíveis de valoração (ZELIZER, 2011). De modo geral, a utilização de

¹⁹ A Sociologia da Valoração e Avaliação será, partir de agora, referenciada no texto através da sigla SVA.

uma SVA em estudos sociológicos pode fornecer um entendimento sobre (1) de modo que as valorações e avaliações podem nos guiar a considera-las a partir de outros ângulos; (2) como subprocessos de avaliação (as peças do quebra-cabeça) se encaixam e ainda, agregar um caráter multidisciplinar ao se pensar e (3) como questões completamente exploradas em uma literatura podem sugerir novas perguntas em outra literatura (SNOW; MORRILL; ANDERSON, 2003).

A base das pesquisas em SVA consiste em descobrir os critérios de avaliação e revelar os dispositivos, instituições ou estruturas sociais e culturais que os sustentam e os acionam. Neste sentido, complementa Lamont (2000) que, como uma ramificação da Sociologia Econômica, a SVA, em grande parte, tem considerado a relação entre processos de mercado e aspectos não econômicos da vida social. É relevante também esclarecer que segmentos da SVA tratam a valoração e avaliação sob diferentes aspectos. Para Lamont (2000), a valoração é da ordem racional e quantitativa, indica importância. Já a avaliação é da ordem emocional, pertencendo aos domínios dos afetos, influência no grau de desejabilidade.

Ao relacionarmos a SVA ao nosso estudo, podemos perceber que os critérios de ‘valoração’ são definidos pelo próprio aplicativo Airbnb à medida que ao finalizar uma estadia o usuário recebe uma mensagem para que seja dada determinada nota para elementos previamente definidos (limpeza, precisão, comunicação, *cheque-in* e valor). Sob a ótica da ‘avaliação’, a ferramenta trabalha com mensagens textuais públicas deixadas após as estadias e incentiva que ao se fazer isso é possível “ajudar outros hóspedes a encontrar o lugar certo para viajar”²⁰ criando-se com isso um senso de comunidade bem como um círculo de confiança.

Temos ainda autores da SVA que estão preocupados com a relação entre a valoração monetária. Para tanto analisam a convocação de intermediários sociais na construção da confiança de determinados bens tal como faz Karpik (2010). No Airbnb, estes atores intermediários são principalmente os hóspedes que são ‘convocados’ a participar das avaliações de suas estadias. Inserem em seus comentários considerações que vão além do objeto propriamente dito, a casa ou apartamento em questão, agregando outros sentidos e novos significados ao processo, os quais, também podem ser estudados e aprofundados através da SVA.

²⁰ Disponível em: <https://www.airbnb.com.br/> Acesso em 15 de mar. de 2108

Esta ramificação da sociologia econômica pode ser útil também para a compreensão das dimensões culturais de categorização, bem como para conectar a microdinâmica que conduz a aceitação ou exclusão com as macrodefinições de terminada comunidade simbólica. De certa forma, o que cria valor para identidades coletivas envolve matrizes de valor que sejam compartilhadas por determinado grupo (LAMONT, 2000) como o que pode ser percebido em comunidades de economia colaborativa.

É pertinente ainda esclarecer que a SVA não se concentra na valoração e avaliação que ocorre dentro da psique de cada indivíduo, o que seria uma preocupação da psicologia cognitiva. Mas sim, em experiências e práticas, em ações que as pessoas investem determinado tempo, através de diálogos explícitos ou mesmo latentes com outros que geralmente situam-se dentro de repertórios culturais compartilhados (CAMIC; GROSS; LAMONT, 2011). Por esta perspectiva é possível observar que relações interpessoais que mesclam dinheiro e intimidade são articuladas pelos atores envolvidos e atravessadas por uma série de fatores que envolvem emoções, valores éticos, confiança, aspectos presentes nos comentários publicados no site Airbnb:

“A estadia no apartamento do Vinicius foi muito melhor que o esperado! O apartamento é muito bonito, aconchegante e tanto ele quanto seus pais foram extremamente solícitos e atenciosos.”; “A Stela foi muito atenciosa durante toda a estada”; “Clau e Caio foram OTIMOS hosts. A Clau é uma pessoa super fofa que nos recebeu tao bem, foi nossa primeira experiência com AirBnb e não poderíamos ter pedido por uma melhor. A casa é ótima e a localização boa. Os animais são muito tranquilos e ficam na deles.”; “O espaço da Susy é muito aconchegante e ela é uma anfitriã maravilhosa, chegou a me levar até no supermercado no primeiro dia!”; “A Mariana foi ótima, prestativa e super cuidadosa, tinha até uns snacks de boas-vindas”; “Adorei a estadia na casa dela, é uma pessoa muito simpática e agradável, muito solícita e atenciosa”; “Sem palavras para agradecer à Joana e seu esposo pela excelente estadia que nos foi proporcionada! Os anfitriões são muito simpáticos, prestativos e gentis”; “Adorei o gato da Ana, o ‘Leopoldo’ ele é querido de mais... há, e a Ana também”.²¹

Através de uma sociologia da Valoração e Avaliação presentes nos estudos de Viviana Zelizer (2009, 2010,2011, 2013, 2017) é possível encontrarmos caminhos para discutir a intimidade e racionalidade econômica, pois em seu entendimento a mescla destes dois elementos gera efeitos recíprocos. Efeitos estes que estariam de alguma forma se materializando através das notas e das reputações de seus usuários em ferramentas de economia colaborativa? Também dentro de suas perspectivas poderíamos tecer considerações

²¹ Foram selecionadas aqui 12 avaliações de residências diferentes deixadas pelos hóspedes de um rol de 120 registros textuais coletados do site www.airbnb.com.br entre junho e agosto de 2017. Aplicamos três o filtros que delimitaram as residências escolhidas para análise quais sejam: “quarto inteiro” e “1 hóspede” e “Porto Alegre, RS, Brasil”.

como, por exemplo, de que forma as avaliações de hóspedes e anfitriões criam mecanismos de formação de reputação e desejabilidade dentro do Airbnb?

Contudo, um tópico que se encontra em debate na atualidade relacionado à Economia Colaborativa remete a questão da intimidade. Reportagens atuais presentes na grande mídia remetem aos relacionamentos dentro dos condomínios onde há locação de imóveis pelo Airbnb. Segundo estas matérias²² a circulação de pessoas estranhas em condomínios particulares criou um fato novo para estes conjuntos trazendo a tona um leque variado de discussões em relação a ofertas de residências particulares para locação por temporada.

Para fins de uma discussão neste sentido as análises sociológicas de Viviana Zelizer (2009)²³ remetem a um caminho no sentido de romper com as pré-noções e antagonismos que envolvem transações que se entrelaçam entre a pessoalidade (dos sentimentos, da intimidade) e impessoalidade (monetária, mercantil). E de que forma conduzem a isso? Através da percepção que as relações econômicas acontecem a partir das relações com os outros e, por sua vez, estão inseridas em determinado contexto de práticas sociais.

A ideia que dinheiro e intimidade são contraditórios aparece em várias discussões atuais como, por exemplo, sobre por que é válido uma empregada doméstica receber um salário pelas suas atividades e uma dona de casa não? Por que avós que desempenhem a mesma função de uma babá não poderiam ser pagos pelos seus serviços? Por que aceitamos a comercialização de seguros de saúde e não a comercialização de sangue ou órgãos humanos? E assim como tantos outros tópicos que geram (acaloradas) discussões. Há uma falha em se reconhecer que relações sociais que carregam consigo intimidade coexistem com transações monetárias. (ZELIZER, 2011).

Trazendo isso para nosso objeto de análise entendemos que este tipo de construção pode ser apreendida a partir das avaliações dos hóspedes publicadas no Airbnb após as suas estadias, pois como já observado em pesquisas recentes²⁴, mesmo que o aplicativo trabalhe

²² O ESTADO DE S. PAULO: PÁGINAS DA EDIÇÃO DE 26 DE MARÇO DE 2017 - PAG. 69. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20170326-45085-nac-69-imo-ci03-not/busca/condom%C3%ADnios+Airbnb>> Acesso em: 26 dez. 2017

²³ É relevante comentar que o presente estudo procurará apropriar-se futuramente de um conjunto de teorias e práticas que remetem as abordagens sociológicas das trocas. Importantes trabalhos como os de Philippe Steiner (2016) auxiliarão na articulação da questão da intimidade abrindo espaço para noções de aproximação e distanciamento, definição e redefinição das trocas mercantis. Temos em mente também que o estado da arte deste debate precisará considerar as pesquisas sobre altruísmo, dons e trocas simbólicas a partir de autores essenciais nestas perspectivas como Emile Durkheim, Marcel Mauss e Pierre Bourdieu.

²⁴ Como o estudo “Airbnb e Seus Anfitriões: Empreendedorismo, Comércio e Colaboração na Economia de Compartilhamento” de Maria Elisabeth Goidanich.

com locação de propriedades por temporada, são muitas vezes as pessoas dos anfitriões que aparecem avaliadas na plataforma. Vejamos alguns exemplos de como os atores envolvidos em cenários trocas monetárias e intimidade podem articular estas interações:

André em julho de 2017: “Ambiente familiar. Ótimas acomodações, pessoas agradáveis e dispostas a ajudar inclusive com informações além do contratado”;
Fabiana em julho de 2017: Gente, o apartamento do Vinicius é lindo, espaçoso, tranquilo, cheio de detalhes que conferem muito aconchego e é super limpo e cheiroso. Ele e sua família são acolhedores, hospitaleiros, solícitos e dão privacidade e liberdade ao hóspede. Amei!!! Sinto vontade de voltar.”
Leo em agosto de 2017: “Felipe se mostrou bastante atencioso durante todo o tempo, e me ajudou com tudo o que precisei na cidade.”

É possível observar neste sentido que intimidade e racionalidade de fato podem gerar efeitos recíprocos quando envolvidas em uma transação e que estes efeitos não têm imperiosamente o caráter de desintegração dos laços sociais tal como propostos nos em argumentos que Zelizer (2011, p.34) vai chamar de “nada além de”. A linha de argumentação “nada além de” se divide em três princípios: nada além de racionalidade econômica, nada além de cultura e nada além de política. Para os reducionistas econômicos, tanto a amizade, a sexualidade, a relação entre pais e filhos são casos particulares de opção individual em busca de vantagens sob condições restritivas, em síntese, puramente racionalidade econômica. Para os reducionistas culturais as relações íntimas são expressões de crenças ou roteiros ideológicos, estes teóricos substituem eficiência, racionalidade e troca por significado, discurso e simbolismo, em casos mais extremos, esta visão entende as representações culturais como determinantes tanto do caráter da intimidade quanto da posição das transferências econômicas. Por fim, há os que insistam nas estruturas políticas coercitivas exploradoras, patriarcais e de poder. O problema nesta percepção não é o processo de comoditização, mas a coerção que estrutura as práticas (Zelizer, 2013).

Considerações finais

De modo geral, percebemos que quanto mais comentários positivos um anfitrião recebe no aplicativo de Economia Colaborativa Airbnb, maiores são suas chances de conquistar novas reservas. Cuidados e atenção ligados à finalidade receber uma boa avaliação dos hóspedes parecem ligados à construção da imagem dos anfitriões como o que se percebe através dos comentários e agradecimentos deixados pelos hóspedes na plataforma. Estas são algumas considerações possíveis e preliminares neste momento, contudo, este artigo trata-se

de um exercício inicial que servirá para categorização e posterior análise das informações colhidas em campo uma vez que aprofundamentos teóricos e práticos ainda se fazem necessários.

Ao explorarmos as avaliações dos usuários do Airbnb, como já é imaginado que aconteça quando iniciamos uma pesquisa, acabou se revelando um rico universo de estudo no que tange as relações humanas e as trocas. Neste sentido, acreditamos que a busca por respostas a partir de uma Sociologia da Valoração e Avaliação possibilitará um olhar atento quanto “às formas de difusão de modelos de organização social que sustentam tanto os sentidos do reconhecimento social quanto as próprias definições de valor social” (LAMONT, 2000, p.17). Por fim, apesar de ser muito cedo para alcançar possibilidades mais acuradas de respostas neste sentido, esta é uma tentativa inicial - e ainda parcial - de esclarecer este campo teórico, ao levantar questões, identificar problemas e fornecer elementos para discussões em um contexto sociológico. Nesta empreitada, caminhamos a partir de uma percepção que vem gradativamente ganhando forma e conteúdo e que poderia ser expressa nas palavras de Lévy (2013, p. 181) “parece que na economia virtual, ainda em via de construção, começa a se estabelecer uma espécie de equivalência entre dinheiro e atenção”.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **A economia híbrida do século XXI**. In: Costa, E.; Augustini, G. De baixo para cima. Rio de Janeiro, dez. 2014. Disponível em: <http://ricardoabramovay.com/wp-content/uploads/2015/02/A-EconomiaH%C3%ADbrida_do-S%C3%A9culo-XXI_De-Baixo-paraCima_Abramovay_12_2014.pdf>. Acesso em: 2 agosto. 2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BATALLER, Maria Alba Sargatal; BOTELHO, Maurilio Lima. O Estudo da Gentrificação. **Revista Continentes**, [S.l.], n. 1, p. 9-37, jul. 2012. ISSN 2317-8825. Disponível em: <<http://www.revistacontinentes.com.br/continentes/index.php/continentes/article/view/5>>. Acesso em: 04 fev. 2018.
- BELK, Russel. Sharing versus Pseudo-Sharing in Web 2.0. In **Anthropologist**. Vol. 18, pp 7-23. 2014. Acesso em 25 de Setembro de 2015
- BOTSMAN, R.; ROGERS, R. **O que é meu é seu: como o consumo colaborativo vai mudar o nosso mundo**. Porto Alegre: Bookman, 2014.
- CAMIC, C; GROSS, N; LAMONT, M. **Social Knowledge in the Making**. Chicago: Univ. Chicago Press, 2011.
- CAREGNATO R.C.A, Mutti R. Pesquisa qualitativa:11. **Análise de discurso versus análise de conteúdo**. Texto Contexto Enferm. 2006 Out-Dez; 15(4):679-84.

DAVIS, M. **Intimate Relations**. New York: Free Press, 1973

DIAS, G. **Economia colaborativa como um passo evolutivo** – Parte II. *Ideia de Marketing*. Economia. 24 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.ideiademarketing.com.br/2015/07/24/economia-colaborativa-como-um-passo-evolutivo-parte-ii/>> Acesso em 8 jan. 2016.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRIEDMAN, G. Workers without employers: shadow corporations and the rise of the gig economy. *Elgaronline, Cambridge*, v. 2, n. 2, p. 171–188, fev. 2014. Disponível em: <<https://www.elgaronline.com/abstract/journals/roke/2-2/roke.2014.02.03.xml>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

GANSKY, L. **The mesh: Why the future of business is sharing**. New York: Portfolio Penguin, 2010.

GUTTENTAG, D. Airbnb: disruptive innovation and the rise of an informal tourism accommodation sector. **Current Issues in Tourism**, v.18, n.12, 1192-1217, 2015.

HIRSCH, P; LEVIN, D. Umbrella advocates versus validity police: a life-cycle model. **Organization Science**, USA, v. 10, n. 2, p. 199 - 212, abr. 2012. Disponível em: <<http://pubsonline.informs.org/doi/abs/10.1287/orsc.10.2.199>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

KARPIK, L. **Valuing the Unique: The Economics of Singularity**. Princeton: NJ Princeton Univ. Press, 2010.

LAMONT, M. **The Dignity of Working Men: Morality and the Boundaries of Race, Class, and Immigration**. New York: Harvard Univ. Press, 2000.

LÉVY, Pierre. O ciberespaço e a economia da atenção in: PARENTE, André (org.). **Tramas da rede: Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MARKHAM, A. e BAYM, N. **Internet Inquiry: Conversations about method**. London: Sage, 2009

SCHOR, J. B. Debating the sharing economy. **Journal of Self - Governance and Management Economics**, v. 4, n. 3, p. 7-22, 2016. Disponível em: <<https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=430188>> Acesso em: 15 Ago. 2017.

SCHOR, J. B. et al. Paradoxes of openness and distinction in the sharing economy. **Poetics**, V. 54, p. 66- 81, 2016.

SLEE, T. **Uberização: a nova onda do trabalho precarizado**. Tradução de João Peres; notas de edição Tadeu Breda, João Peres. São Paulo : Editora Elefante, 2017. Título Original: What's Yours Is Mine: Against The Sharing Economy.

SNOW D, A; MORRILL C; ANDERSON L. Elaborating analytic ethnography. **Ethnography**, v. 2, n. 4, pp. 181–200, 2003.

STEINER, Philippe. **Altruísmo, dons e trocas simbólicas**. São Paulo: Unesp, 2016, no prelo.

SUNDARARAJAN, A. **The sharing economy**: the end of employment and the rise of crowd-based capitalism. Cambridge: The MIT Press, 2016.

ZELIZER, Viviana A. Dualidades perigosas. **SciELO**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, mar. 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132009000100009&lng=en&nrm=iso.

ZELIZER, Viviana A. 2011. **A negociação da intimidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ZELIZER, Viviana. Dinheiro, poder e sexo. **Cadernos Pagu**, n.32, p. 135-157, jan./jun. 2009.

ZELIZER, Viviana et al . A negociação da intimidade, dez anos depois: Entrevista com Viviana Zelizer. **Tempo soc.**, São Paulo , v. 29, n. 1, p. 190-209, Jan. 2017 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702017000100190&lng=en&nrm=iso. access on 05 Feb. 2018. <http://dx.doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.125519>.

ZUCKERMAN, E. W. The categorical imperative: securities analysts and the illegitimacy discount, *Am. J. Sociol*; n. 104, pp. 1398–438, 1999.